

Quem é essa mulher? Um estudo comparativo das interpretações reformadas de Apocalipse 12 no século 16 com as interpretações antigas e modernas

*William Orlandi*¹⁵⁰

Resumo: O presente artigo visa demonstrar as interpretações sobre a figura da mulher em Apocalipse 12 entre os reformadores no século 16. Após esse levantamento de dados, iremos apresentar brevemente as principais interpretações na Antiguidade (patrística e medieval) bem como as interpretações modernas. Concluiremos com uma análise comparativa da hermenêutica reformada do século 16 com as interpretações anteriores e posteriores, com implicações para o lugar da hermenêutica reformada na história da igreja, mostrando, através desse estudo de caso exegetico, a importância da continuidade interpretativa entre as diferentes fases da igreja cristã.

Palavras-chave: Apocalipse; Reforma; Hermenêutica; Igreja; Maria

Abstract: This article aims to demonstrate the interpretations of the figure of the women in Revelation 12 among the reformers in the 16th century. After this data collection, we will briefly present the main interpretations in Antiquity (patristic and medieval) as well as modern interpretations. We will conclude with a comparative analysis of 16th century Reformed hermeneutics with previous and subsequent interpretations, with implications for the place of Reformed hermeneutics in church history, showing, through this exegetical case study, the importance of interpretative continuity between the different phases of the Christian church.

Keywords: Apocalypse; Reformation; Hermeneutics; Church; Mary

1. Introdução

Os estudos mais recentes sobre a reforma protestante têm mostrado que os reformadores não se viam como “inovadores”, mas como pastores-teólogos que estavam em continuidade com a tradição da igreja¹⁵¹. Assim, Matthew Barret afirma:

Os Reformadores não estavam vendendo novidades, desviando o povo para inovações heréticas. Se alguém se desviou da herança católica, foi Roma. Em contraste, Calvino buscou a reforma porque a Reforma que ele perpetuou e promoveu estava comprometida com a renovação. Os reformadores acreditavam que os seus ensinamentos, em contraste com os de Roma, não eram apenas fiéis às Sagradas Escrituras, mas também fiéis à tradição católica que incorporava esses mesmos ensinamentos bíblicos¹⁵².

¹⁵⁰ Pastor e mestrando em Novo Testamento. Leciona várias disciplinas de Teologia Bíblica, História e Sistemática em vários seminários e faculdades.

¹⁵¹ Cf. BARRET, Matthew. *The Reformation as Renewal: Retrieving the One, Holy, Catholic, and Apostolic Church*. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2023.

¹⁵² Ibid.

Em concordância com a tese geral de Barret, esse artigo mostrará que a exegese dos reformadores está em continuidade com a exegese de seus antecessores. Nesse estudo de caso específico, veremos a interpretação da Mulher em Apocalipse 12¹⁵³. Cada intérprete analisado será introduzido com uma breve nota biográfico para situar melhor o leitor.

2. Apocalipse na atmosfera da reforma protestante: um panorama

Apesar de alguns franciscanos e hussitas radicais terem legado uma reputação dúbia para o Apocalipse¹⁵⁴, ninguém desde o século 3 havia questionado seu lugar no cânon. Isso muda com Erasmo de Roterdã, em suas *Annotations* de 1516¹⁵⁵. A crítica de Erasmo ao Apocalipse se dá tanto pela dificuldade do próprio livro, como também pela dificuldade de se achar uma cópia do livro no começo do século 16. Quando visitou a Inglaterra em 1505, Erasmo pôde ver alguns manuscritos, mas foi somente com Johannes Reuchlin que ele obteve uma cópia incompleta de Apocalipse, datada do século 12 (faltava Ap. 22.16-21).

Essa posição de Erasmo em rejeitar a canonicidade do Apocalipse foi mais vigorosamente atacada pelo seu adversário mais voraz, Frans Titelmans (1502-1537), que publicou em 1530 seu *Libri duo de autoritate libri Apocalypsis*¹⁵⁶, defendendo a canonicidade de Apocalipse contra Erasmo¹⁵⁷.

Martinho Lutero, por sua vez, também teve seus problemas com o último livro do Cânon¹⁵⁸. Familiarizado com as *Annotations* de Erasmo, ele escreveu dois prefácios

¹⁵³ Uma excelente e exaustiva pesquisa sobre a recepção dos capítulos 12 e 20 de Apocalipse na Reforma Protestante já foi feita por Irena Backus, livro fundamental para o presente texto. Portanto, nosso intuito não é originalidade de fontes e dados, mas de comparação (movimento que ainda faltava ser feito na pesquisa até aqui. Cf. BACKUS, Irena. *Reformation Readings of the Apocalypse: Geneva, Zurich, and Wittenberg*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

¹⁵⁴ Sobre isso, cf. REEVES, Marjorie, *The Influence of Prophecy in the Later Middle Ages: A Study in Joachimism*. Oxford: Oxford University Press, 1969; McGinn, *Apocalypticism in the Western Tradition*; KAMINSKY, Howard, *A History of the Hussite Revolution*. Berkeley: University of California Press, 1967.

¹⁵⁵ Desiderius Erasmus, *Erasmus' Annotations on the New Testament. Galatians to the Apocalypse. Facsimile of the final Latin Text with all earlier Variants*, ed. Anne Reeve, introduction by M. A. Screech. Leiden: E. J. Brill, 1993.

¹⁵⁶ Frans Titelmans, *Libri duo de autoritate libri Apocalypsis. In quibus ex antiquissimorum autorum assertionibus scripturae huius dignitas et autoritas comprobatur aduersus eos qui nostra hac tempestate sine falsis assertionibus siue non bonis dubitationibus, canonicae et diuinae huius scripturae auctoritati derogarunt. Perfratrem Franciscum Titelmannum Hasselensem, ordinis fratrum Minorum Sacrarum Scripturarum apud Louanienses praelectorem*. Antwerp: Michael Hillenius, 1530.

¹⁵⁷ Cf. p. ex. RUMMEL, Erika, *Erasmus and His Catholic Critics*, vol. 2, 1523-1536. Nieuwkoop: de Graaf, 1989.

¹⁵⁸ Cf. HOFMANN, Hans-Ulrich, *Luther und die Johannes-Apokalypse*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1982.

ao Apocalipse (em 1522 e 1530). Seu prefácio de 1522 colocou em xeque a canonicidade do livro devido tanto às dificuldades de interpretação (como Erasmo) mas também por um motivo teológico – Lutero não via Cristo claramente exposto em Apocalipse¹⁵⁹. Lutero publicou um novo “Prefácio ao Apocalipse de São João” em 1530, adotando a prática medieval tardia de ler o livro como um esboço da história da igreja. Ao fazer isso, ele identificou questões teológicas da sua própria época. Por exemplo, o anjo com o incensário significa Atanásio e o Concílio de Nicéia, cujas posições ele aprovava (8:3–5). Em contraste, os anjos com pragas são Taciano, os Montanistas e Orígenes, que são encarregados de pregar que as pessoas são justificadas pelas suas obras em vez da graça, elevando a espiritualidade acima das Escrituras e corrompendo a Bíblia com filosofia (pontos de vista que Lutero se opôs 8:6-12). As bestas e a prostituta são o papado e o império, enquanto Gogue e Magogue são os exércitos turcos que ameaçam a Europa (Luth W 35:402–9)¹⁶⁰.

Antes do aparecimento do prefácio de Lutero em 1530, com a atmosfera de suspeita geral sobre o Apocalipse gerado por Erasmo, apareceu o que hoje é considerado o primeiro grande comentário protestante sobre o Apocalipse. Seu autor, François Lambert, não compartilhava nem das opiniões de Erasmo nem de Lutero sobre a autoria apostólica e a canonicidade do livro.

François Lambert nasceu em 1486 e ingressou na ordem franciscana em Avignon aos quinze anos, adquirindo rapidamente um nome como pregador. Em 1522, ele conheceu Ulrich Zwingli durante uma de suas viagens e se converteu à Reforma como resultado do encontro¹⁶¹. A partir de 1523, em Wittenberg, escreveu comentários bíblicos (p. ex. Oséias, Lucas, etc.). Em maio de 1527, foi nomeado professor de teologia em Marburg e, logo após sua nomeação, palestrou sobre o Apocalipse, que posteriormente escreveu como comentário.

Seu comentário sobre o Apocalipse apareceu pela primeira vez em Marburgo, em 1528. Intitulava-se *Exegeseos Francisci Lamberti Auenionensis in sanctum Diuini lendenis Apocalypsim libri VII*, impresso por Franz Rhode. O comentário foi reeditado

¹⁵⁹ Em seu prefácio de 1522, Lutero afirma: “Minha mente não consegue se reconciliar com este livro e para mim é razão suficiente para não valorizar a mente dele [do autor] quando vejo que Cristo não é ensinado nem reconhecido nesta obra” (tradução minha de: “[M]eyn geyst kan sich ynn das buch nicht schicken. Und ist myr die Ursach gnug, das ich seyn nicht hoch achte, das Christus drynnen widder geleret noch erkandt wirt”).

¹⁶⁰ Cf. KOESTER, Craig. *Revelation: A New Translation with Introduction and Commentary*. The Anchor Yale Bible, vol 38, part 1, New Haven, CT: Yale University Press, 2014, p. 49.

¹⁶¹ BACKUS, Irena. *Reformation Readings of the Apocalypse: Geneva, Zurich, and Wittenberg*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 11.

em Marburg no mesmo ano e posteriormente reeditado em Basileia por Nicholas Brylinger em 1539¹⁶². Teologicamente, ele identifica a mensagem do Apocalipse com o que se tornaria um tema importante na tradição reformada: o governo soberano e providencial de Cristo sobre o seu reino. Para garantir que o Apocalipse fosse levado a sério, Lambert citou o testemunho patrístico de que o livro havia sido escrito pelo apóstolo João¹⁶³.

Sebastian Meyer foi um dos mais surpreendentes e explícitos defensores protestantes da canonicidade do livro. Como não leu o comentário de Lambert, seu empreendimento, intitulado *In Apocalypsim Johannis Apostoli D. Sebastiani Meyer ecclesiastae Bernensis commentarius, nostro huic saeculo accommodus, natus et aeditus* pode ser considerado completamente independente, embora Meyer fosse, como François Lambert, um franciscano. Nascido na Alsácia, exerceu o cargo de leitor no mosteiro franciscano de Berna entre 1521 e 1524, apoiando desde 1515 o movimento reformador iniciado por Thomas Wyttenbach e pelo futuro reformador de Berna, Berthold Haller¹⁶⁴.

Antoine du Pinet nasceu por volta de 1510 e estudou em Orleans na mesma época que Calvino. Entre 1537 e 1543, foi pároco em Ville-la-Grand, perto de Genebra. Mudou-se então para Lyon, onde passou o resto da vida a serviço de "pessoas importantes". Ele morreu em 1566 e é sem dúvida mais lembrado por seu comentário sobre o Apocalipse, que teve nada menos que cinco edições durante a vida do autor (1539, 1543, 1545, 1552 e 1557)¹⁶⁵. Nesse comentário, du Pinet enfatiza que Apocalipse é sobre Cristo, e o leitor normalmente sai da leitura com o senso de que Apocalipse é de grande valia prática para sua vida. Veremos logo adiante sua interpretação de Apocalipse 12.

Theodore Beza escreveu suas anotações de Apocalipse para contrapor Erasmo. As dúvidas de Lutero sobre esse livro não foram influentes entre os protestantes. Alguns teólogos católicos romanos persistiram em pensar, erroneamente, que uma das marcas da heresia protestante era a sua rejeição do Livro do Apocalipse. Isto não poderia ter sido mais do que um artifício polêmico, dado que Thomas de Vio Cajetan era bastante aberto sobre a sua desconfiança do Apocalipse, e mesmo um teólogo conservador como Jean de Gagny aceitou-o apenas com má vontade. Beza, ao refutar Erasmo sobre a

¹⁶² Ibid.

¹⁶³ KOESTER, *ibid.*, p. 51.

¹⁶⁴ BACKUS, *Ibid.*, p. 19.

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 23.

canonicidade do Apocalipse, cita muitas fontes patrísticas, mas sem querer estabelecer algum *consensus ecclesiae*, além de muitos outros argumentos em prol da Apostolicidade do livro.

Augustin Marlorat (1506-1561), autor do *Noui Testamenti Catholica Expositio ecclesiastica* (1561), uma espécie de catena áurea dos comentários protestantes sobre o Novo Testamento, foi contemporânea de Beza. Ele certamente conhecia o Novo Testamento anotado deste último (embora não o incluísse em sua *Expositio*) e era de fato muito admirado por Beza como comentarista¹⁶⁶. A primeira edição do *Noui Testamenti Catholica Expositio ecclesiastica* foi publicada em Genebra por Henri Estienne, apenas quatro anos após a publicação da primeira edição da Bíblia latina de Beza e da quinta edição do comentário de du Pinet sobre o Apocalipse com prefácio de Beza em francês. Marlorat estava ciente das dúvidas que cercavam o Apocalipse e estava convencido de que o livro era canônico¹⁶⁷. No entanto, ele defendeu a sua canonicidade principalmente apelando ao conteúdo do livro, portanto, apelando mais para evidências internas do que externas, como seus antecessores. Logo mais, nos deteremos brevemente em sua interpretação de Apocalipse 12.

3. A interpretação da Mulher de Apocalipse 12 na reforma protestante

Du Pinet, citado brevemente acima, seguiu a maioria na interpretação geral do símbolo de Ap. 12, acrescentado alguns detalhes próprios em 1539. Ele afirma que a igreja é a esposa do Senhor cujo casamento foi concluído pelo sangue de Jesus Cristo, e que todos aqueles que depositam a sua esperança em alguém ou em alguma coisa que não seja Deus acabam violando esse casamento. A adição que ele fez ao seu texto de 1543 é na verdade um desenvolvimento da exegese de Meyer, que considerava que a igreja apostólica foi apropriadamente comparada a uma mulher – frágil, pequena e estéril por si mesma, ela se tornou poderosa e fecunda com múltiplos descendentes por causa do seu esposo, Cristo. Du Pinet parafraseou Meyer, mas acrescentou mais duas razões para justificar a adequação da comparação entre a igreja apostólica e uma mulher. A igreja foi apropriadamente comparada a uma mulher porque o cabeça da igreja é Cristo, da mesma forma que o cabeça da mulher é o seu marido (1Co 11.3; Ef

¹⁶⁶ E. Haag and E. Haag, *La France Protestante*, 1st ed. Paris: J. Cherbuliez, 1857, 7:256-259, cf. "Marlorat."

72.

¹⁶⁷ BACKUS, p. 28.

5.24) e porque a igreja está em união mística com Cristo através da fé, assim como uma mulher está unida ao marido¹⁶⁸.

Em 1539, du Pinet insistiu que a igreja depende única e diretamente de Deus. Em 1543, recorrendo à metáfora do casamento cristão, ele especificou a relação que deveria existir entre Cristo e a sua Igreja. Ela deveria ser totalmente dependente dele, e qualquer poder que ela tenha, seja espiritual ou físico, deve vir somente dele. Além de alertar seus leitores contra o papado, du Pinet também pretendia ensinar-lhes as normas básicas do casamento cristão tal como ele o concebia. O acréscimo teve pouco a ver com o texto bíblico; du Pinet simplesmente usou o texto analogamente para ensinar (e moralizar) sobre a natureza da igreja e do casamento cristão¹⁶⁹.

Em 1539, du Pinet já havia adotado basicamente a exegese de Beda (PL 93:166), que interpretou o fato de o dragão estar “parado diante da mulher” (ἔστηκεν ἐνώπιον τῆς γυναικὸς; Ap. 12.4) como significando a "tentativa de tirar a fé em Cristo que os fiéis têm em seus corações". A exegese de Lambert abordou ambos os aspectos na sua interpretação da mulher, como igreja e como Maria. O dragão, para Lambert, queria sufocar a palavra de Deus, mas também, mais especificamente, tentou impedir o nascimento de Jesus ou garantir que ele seria morto por Herodes após o seu nascimento. A exegese dessa expressão de 12.4 de Du Pinet em 1539 chegou a um parágrafo (enquanto Meyer foi apenas uma frase) afirmando que o único objetivo de Satanás era a destruição de Jesus Cristo e de sua Palavra, e que ele alcançou seu objetivo de várias maneiras: tiranizando os fiéis, fazendo-os duvidar da Palavra, e distraíndo-os. No entanto, quaisquer que sejam as perseguições que a Igreja tenha de suportar, ela continuará dando à luz aos verdadeiros fiéis com a ajuda dos seus ministros¹⁷⁰.

Para um comentador como du Pinet, o texto espelhava diversas reformas éticas e práticas que estavam a ser instituídas em Genebra e que poderiam servir de modelo para a França. Ele, portanto, usou o texto como um trampolim para a moralização sobre o papel da igreja e sua relação com Cristo, o casamento cristão e a iniquidade das práticas católicas romanas. Ele via o papado como o Anticristo a ser combatido. Trabalhando dentro de uma estrutura tradicional das sete seções (ou visões), ele dependia fortemente das exegeses de Primasius e Beda, bem como de Meyer e Lambert, cujas interpretações ele tendia a simplificar. O resultado geral foi morno e confuso, mas doutrinariamente

¹⁶⁸ BACKUS, p. 46.

¹⁶⁹ Ibid.

¹⁷⁰ BACKUS, p. 47.

satisfatório para o público leigo de língua francesa para o qual foi escrito. A escatologia de Du Pinet não era clara, mas ele não via o Apocalipse como o livro que previa o Juízo Final: o seu principal objetivo, aos seus olhos, era confirmar o ensinamento da Reforma sobre a Igreja.

3.1 Augustin Marlorat

Marlorat é uma figura pouco estudada entre os reformadores e o relato mais completo de sua vida ainda pode ser encontrado em *La France Protestante*, de Eugene e Emile Haag¹⁷¹. Nascido em Bar-le-Duc em 1506, ficou órfão aos oito anos de idade e foi colocado em um mosteiro agostiniano, onde fez seus estudos e votos em 1524. Adquiriu um bom conhecimento dos Padres e da teologia escolástica e logo se tornou famoso como pregador. Ele se converteu à Reforma enquanto era *prior* em Bourges e foi chamado para pregar em Bourges, Poitiers e Angers. Fugindo da perseguição, foi primeiro para Genebra, depois para Lausanne, onde foi encarregado da paróquia de Crissier em 1549. Dez anos depois, quando era pároco em Vevey, foi chamado de volta pelo consistório de Genebra e enviado à Paris. Em 1560, presidiu o sínodo provincial de Dieppe enquanto pároco em Rouen e participou do colóquio de Poissy. Morreu no mesmo ano, vítima das autoridades católicas romanas, que ordenaram o seu enforcamento em frente à igreja de Notre-Dame de Rouen, em 30 de outubro de 1561. É autor de diversas obras exegéticas, a maioria delas compilações, algumas das quais foram publicados após sua morte, como a *Catholica Expositio ecclesiastica*, na qual apareceu seu comentário sobre o Apocalipse¹⁷².

A *Expositio in Apocalypsin* de Marlorat expressou uma esperança para o rápido fim do reinado do Anticristo papista, que seria seguido imediatamente pela descida de Cristo para o Juízo Final. Lendo o Apocalipse como um cristão perseguido, era improvável que o ministro francês adotasse *a priori* uma interpretação espiritual do texto. Antes de examinar rapidamente sua exegese, algumas palavras sobre seu método. Todas as *Expositiones* de Marlorat são literalmente compilações, reunidas no mesmo modelo. Cada capítulo e versículo é comentado por passagens ou frases selecionadas de comentaristas identificáveis, alguns antigos, mas a maioria era de seus contemporâneos.

¹⁷¹ Haag and Haag, *La France Protestante*, 1st ed., 10 vols. Paris: Cherbuliez, 1857, 7:256-259.

¹⁷² BACKUS, p. 61.

As passagens são identificadas por iniciais, das quais o próprio Marlorat fornece a chave¹⁷³. A seguinte chave é dada para o Apocalipse:

Bullinger = B

Pierre Viret = V

Primasius = P

Antoine du Pinet (Pignetius) = G

Sebastian Meyer = S

Marlorat = A

François Lambert = L

Marlorat procura obter o efeito desejado de forma muito deliberada. Vale lembrar aqui que Meyer interpretou o primeiro versículo da seguinte forma:

MULHER: A igreja dos fiéis.

SOL: Ter vestido Cristo ou o Evangelho como manto. A Igreja apostólica é comparada a uma mulher fraca por natureza, mas forte e fecunda por causa de Cristo, dando à luz muitos fiéis.

LUA: Administrar os bens temporais em conformidade com os mandamentos divinos, e não ser subserviente a eles; ou o acesso mesmo dos membros mais humildes da igreja a alguma luz divina, embora não na sua forma mais forte; ou a Lei em comparação com o Sol do Evangelho.

DOZE ESTRELAS: Os doze patriarcas ou os doze apóstolos, mais provavelmente o último. Além disso, sendo doze um número que denota perfeição e universalidade, também pode denotar todos aqueles que ensinam Cristo com fé pura. Marlorat cita *in extenso* a interpretação de Meyer da igreja apostólica como a pequena mulher fraca tornada forte por Cristo. Ele acrescenta uma linha de du Pinet sobre a igreja como a noiva de Cristo¹⁷⁴. Ele então cita a interpretação de Meyer do sol, que representa a luz do Evangelho - e a segue com sua própria injunção aos seus leitores, composta de duas citações bíblicas:

Sejam tais que ninguém possa reclamar de vocês, filhos sinceros de Deus, irrepreensíveis no meio de uma geração corrompida e depravada na qual vocês brilham como estrelas no mundo e oferecem a palavra da vida, Fil. 2.15. E também: todos vocês que são batizados, vestiram Cristo como uma vestimenta,

¹⁷³ Ibid. p. 63.

¹⁷⁴ Cf. Ibid.

Gal. 3.27. Na verdade, a igreja que vestiu Cristo como vestimenta em sua conversação e doutrina é iluminada pelo Espírito muito mais intensamente do que o ar pelo sol¹⁷⁵.

3.2 Nicolas Colladon

Nicolas Colladon é conhecido pelos historiadores principalmente como co-autor, com Theodore Beza, da famosa *Vida de Calvino* publicada em 1565. Na verdade, a *Vida*, juntamente com *Iesus Nazareus, sine Explicatio loci Euangelii Matth. 2.22* (1565, 1577), e o *Methodus facilima [!] ad explicationem Apocalypsecos Iohannis* constituem a soma total de sua produção literária¹⁷⁶.

Apocalipse 12

Colladon vê o Apocalipse 12 cumprindo a função de um interlúdio entre as várias visões de desastres. No entanto, ele enfatiza que os eventos ali descritos não devem ser vistos como ocorrendo sequencialmente depois de Ap. 11 (as duas testemunhas), mas simplesmente como uma descrição mais clara do que já foi dito em outras partes do livro¹⁷⁷, especialmente no que diz respeito à orientação celestial da verdadeira igreja e suas lutas com os poderes satânicos. Ap. 12 é, portanto, a seu ver, uma recapitulação de ideias e imagens espalhadas pelos primeiros onze capítulos.

Como Meyer, du Pinet e a maioria dos outros comentaristas, Colladon considera que a mulher simboliza não a Virgem Maria, mas a Igreja. No entanto, ao contrário de todos os comentadores anteriores, ele evita tanto quanto possível comentar detalhes como “sete cabeças”, o que torna a sua exegese muito mais espiritual do que as de du Pinet, Meyer e, como veremos, Bullinger. Embora não menos polêmica que o resto de seu comentário, a exegese de Colladon mais uma vez tem o mérito de seguir a dinâmica do texto com grande efeito. Ele, portanto, faz questão de dizer que a fuga da mulher para o deserto no versículo 13 não é mais do que uma repetição e uma elaboração da mesma fuga descrita no versículo 6.

¹⁷⁵ Marlorat, *Noui Testamenti Expositio*, 1570, 189 col. B: "Altem, tales sitis vt nemo de vobis quaeri possit sincerique filii Dei, irreprehensibiles in medio nationis prauae ac tortuosae, inter quos lucete tanquam luminaria in mundo, sermonem vitae sustinentes, Philip. 2, 15. Item, quicumque baptizati estis, Christum induistis, Gal. 3, 27. M Certe ecclesia quae Christum induit in sua conuersatione et doctrina, multo clarius illustratur spiritualiter quam aer a sole."

¹⁷⁶ BACKUS, *ibid.*

¹⁷⁷ Methodus, 1584, 255: "Non sunt haec sic capienda quasi tempore subsequantur praecedentem narrationem, imo pertinent ad expressiorem descriptionem quorundam quae antea dicta fuere."

3.3 Colladon e Jean de Gagny

Jean de Gagny estudou teologia no Colégio de Navarra, onde se tornou professor em 1527, lecionando as *Sentenças* de Pedro Lombardo. Ele foi nomeado reitor da Universidade de Paris em 1531 e doutor em teologia um ano depois. Em 1533, a Faculdade de Teologia de Paris lhe pediu que examinasse o caso do pregador reformista Gerard Roussel, considerado perigoso, e que se pronunciasse sobre passagens de aparência heterodoxa nos comentários de Caetano sobre o Novo Testamento e os Salmos. Nesse mesmo ano, Gagny publicou o seu próprio comentário sobre Romanos, o que lhe valeu uma chamada para a corte de Francisco I, onde se tornou conselheiro real, depois capelão e pregador, tendo acesso às coleções reais de livros e manuscritos no processo.

Ele foi frequentemente chamado para defender os privilégios da Universidade de Paris. Entre seus amigos estavam Marcello Cervini (o futuro papa Marcelo II), Sisto de Siena e Possevino. Seu inimigo mais notável foi Robert Estienne, cujas Bíblias foram condenadas pela Faculdade de Teologia de Paris por instigação de Gagny¹⁷⁸.

O teólogo parisiense publicou seus breves escólios sobre o Apocalipse em 1543, acrescentando-os com certa relutância aos seus escólios sobre o corpus paulino e sobre as epístolas católicas. A segunda edição apareceu em 1550, logo após a morte de Gagny. Assim, embora não fosse da mesma geração de Colladon, Gagny certamente estava familiarizado com as doutrinas de Calvino, que ele se esforçou para combater. Seria de esperar, portanto, que os seus escólios sobre o Apocalipse assumissem a forma de um manifesto anti-calvinista e, de fato, há neles um sabor polêmico muito forte. Contudo, a exegese de Gagny não é substancialmente diferente da de Colladon.

No que diz respeito à sua exegese de Apocalipse 12¹⁷⁹, Gagny não demonstra nenhuma compreensão da dinâmica do texto e apenas a ausência de qualquer comentário sobre o Ap. 12.6 sugeriria que ele vê a fuga da mulher ali descrita como simplesmente uma antecipação da fuga em Ap. 12.13. Quanto ao significado simbólico da mulher, Gagny prefere que ela represente a igreja, mas inclui uma segunda exegese

¹⁷⁸ Sobre Gagny, ver JAMMES, Andre, "Un bibliophile a decouvrir, Jean de Gagny," *Bulletin du bibliophile* (1996): 35-81.

¹⁷⁹ Gagny, *Scholia*, 1550: In *Apocalypsin Joannis Apostoli*, 274-.278r.

(impressa em caracteres menores, 2771:.—2781:.), com a mulher como a Virgem Maria, que dá nascimento de Cristo, que é então perseguido por Herodes, ou o dragão¹⁸⁰.

3.4 Leo Jud

Leo Jud nasceu em Gemar, na Alsácia, a sudoeste de Estrasburgo, e frequentou a Escola Latina de Selestat na mesma época que Martin Bucer. Em 1499, matriculou-se na Universidade de Basileia, onde conheceu e tornou-se amigo de Ulrico Zuínglio. Ele pretendia estudar medicina, mas logo se voltou para a teologia sob a influência de Thomas Wytttenbach. Jud foi ordenado sacerdote em Roma em 1507. De 1507 a 1512, foi diácono em São Teodoro, em Basileia, e de 1512 a 1518, foi pregador em São Hipólito, na Alsácia. Em 1519, ele sucedeu Zuínglio em Einsiedeln, tornando-se cada vez mais favorável à Reforma. Em 1522, foi escolhido, por recomendação de Zuínglio, para se tornar pároco da Basílica de São Pedro em Zurique, onde assumiu funções em 2 de fevereiro de 1523. Esteve ao lado de Zuínglio durante a Segunda Disputa de Zurique (26-28 de outubro de 1523) e durante o confronto com os anabatistas radicais em 1525. Ele foi juiz (um dos dois clérigos junto com quatro leigos) do tribunal de casamento desde a sua criação em 1525.

Embora fosse o associado mais próximo de Zuínglio, Jud parece ter tido um interesse pela espiritualidade que estava completamente ausente da teologia do próprio Zuínglio.

E quanto à sua interpretação do capítulo 12? Como Lambert, ele começa o Apocalipse 12 não com o aparecimento da mulher, mas com a inauguração do templo de Deus em Ap. 11.19 como uma "preparação para a nova e esplêndida visão"¹⁸¹ de Ap. 12. Ele a introduz expressando um desacordo implícito com Lutero em sua avaliação das profecias do Antigo e do Novo Testamento.

De acordo com Jud, as profecias anteriores do Antigo Testamento (por exemplo, as de Isaías e Jeremias) são muito mais claras do que as profecias posteriores, como as de Daniel e Ezequiel. No Apocalipse, porém, que Jud vê como o único livro profético do Novo Testamento, as profecias mais próximas do final do livro são mais claras do que as do início. Assim, para Jud (como para Colladon em 1581!), a visão de Ap. 12

¹⁸⁰ BACKUS, p. 84.

¹⁸¹ Jud, *Qffenbamng*, 1542, aaa 2r.

constitui uma recapitulação, ou mesmo uma exegese ("*auslegung*") das visões anteriores. A figura feminina, no entanto, recebe uma interpretação altamente original.

Ela aparece no céu, que é o reino dos céus, a igreja triunfante e a sede de todos os verdadeiros fiéis que já existiram desde o início do mundo. Ela olha em direção ao sol. Contudo, ela não representa nem a Igreja militante nem a Virgem Maria, mas a Palavra de Deus, "clara e forte". A lua que está sob seus pés é a razão humana completamente subjugada à Palavra de Deus. A Palavra de Deus está grávida de Cristo no sentido de desejá-lo ardentemente, como fizeram todos os profetas. Em outras palavras, de acordo com Jud, a Palavra de Deus, ou o Evangelho, gera fé ou desejo ardente de Cristo. Ao deslocar assim os pontos de comparação, Jud transpôs Ap. 12 para o domínio pastoral, imediatamente acessível aos seus leitores. Contudo, tendo consolado temporariamente os seus leitores, Jud quer mostrar-lhes que a Palavra de Deus não é ouvida sem oposição¹⁸².

3.5 Theodore Bibliander e a *Relatio Fidells*

Conhecido principalmente pela sua edição do Alcorão¹⁸³ publicada em Basileia em 1543, Bibliander (ou Buchmann) escreveu intensamente sobre o Apocalipse. Embora ele tenha admitido numa carta a Myconius, escrita no verão de 1543, que achou o livro extremamente emocionante, pois reunia o Antigo Testamento e o Evangelho para mostrar como ambos poderiam ser usados para a edificação da igreja, ele ainda assim tinha sérias dúvidas. sobre sua própria competência e, mais especificamente, sobre sua leitura do último livro da Bíblia

Para ele, primeiro capítulo da terceira parte, Apocalipse 12, está firmemente situado na época do próprio João, e as perseguições sofridas pela igreja, representadas pela mulher, são as perseguições que a igreja teve de suportar na época de João - isto é, logo após a Ascensão. Satanás perseguiu a igreja primeiro através dos judeus, afirma Bibliander, depois através dos gentios, como é mostrado pelos Atos dos Apóstolos e pelo Ap. 2 (a carta à igreja de Esmirna, por exemplo). No entanto, observa ele, comentando Ap. 12.14, a igreja encontrará um lugar entre os gentios em algum momento futuro ao da escrita do Apocalipse. Será sustentada ali até o Juízo Final, um

¹⁸² BACKUS, p. 91.

¹⁸³ cf. BOBZIN, Hartmut, *Der Koran im Zeitalter der Reformation. Studien zur Friihgeschichte der Arabistik und Islamkunde in Europa*, Beirut: Franz Steiner, 1995, 159-262.

espaço de tempo indicado pela frase enigmática *ad tempus et tempora et dimidium temporis* (por um tempo, e tempos, e metade de um tempo). Ele também argumenta que, ao usar essa expressão temporal, Deus deliberadamente não deseja revelar a data do fim¹⁸⁴.

3.6 Heinrich Bullinger e seus cem sermões

Não há sinais óbvios da influência de Bibliander nos *Cem Sermões* de Bullinger. A forma literária é muito diferente: a exegese de Bullinger é tão detalhada quanto a de Bibliander é esparsa.

Foi na chegada dos exilados marianos a Zurique, em 1554, que Bullinger compôs os seus Sermões, que foram publicados pela primeira vez em latim, em 1557, em Basileia. Seus *Sermões* obviamente preencheram uma lacuna importante na publicação de obras apocalípticas protestantes, pois foram traduzidos para o francês e impressos em Genebra menos de um ano depois.

Bullinger e Apocalipse 12

Bullinger dedica três sermões curtos (52, 53 e 54) ao Ap. 12, que ele considera, como o início da terceira ou da quarta visão. Sua exegese do capítulo é, por vezes, superficial e assemelha-se a uma colcha de retalhos de interpretações extraídas de comentaristas ocidentais anteriores.

Ciente tanto da interpretação dominante que considera a mulher como a igreja, quanto da interpretação menos conhecida dela como Maria, Bullinger naturalmente prefere a primeira e cita várias passagens de outros livros das Escrituras (Efésios 5, Gênesis 2, etc.) em que uma mulher “encarna” a igreja. Contudo, ele não descarta completamente a exegese mariana, mas a integra habilmente na interpretação “eclesiástica”. Seguindo Bede e François Lambert em particular, Bullinger considera que o sol representa Cristo, “o sol da justiça”. Sua interpretação da lua sob os pés da mulher é, no entanto, muito própria. Ele concorda com Bede, Lambert e outros que a

¹⁸⁴ Relatio fidelis, 140-141: "Sed non contentus fuit Satan hactenus in ludaea Christianos afflixisse per ludaeos furentes, nisi etiam in vrbibus gentium persequerentur, vt testantur Apostolorum Acta et Epistola ad Smyrnensem angelum, capita 2. Habet autem ecclesia locum et alitur inter gentiles quondam, et remotos a testamentis Dei vsque ad seculi consummationem. Quod tempus quantum futurum sit, abscondit Deus a notitia hominum. Ideoque dicitur: ad tempus et tempora et dimidium temporis."

igreja pisoteia a lua, que representa todas as coisas corruptíveis e mutáveis. No entanto, ele também considera a passagem como se referindo à luz da justiça da igreja, que aumenta e diminui em um de forma semelhante à lua, pois está sujeita à influência da carne. Tais lampejos de individualidade são isolados, e é óbvio que Bullinger é muito influenciado por Victorinus de Poetovio, bem como por Primasius, Bede e Lambert, visto que ele interpreta as estrelas na coroa da mulher como representando patriarcas, profetas e apóstolos. Contudo, como Lambert, ele insiste que é a doutrina do ministério que está sendo exposta.

3.7 David Chytraeus

Embora os estudiosos tenham recentemente dedicado alguma atenção a David Chytraeus¹⁸⁵, ele continua a ser uma figura pouco conhecida e os seus comentários bíblicos permanecem não estudados até hoje. Antes de discutir sua *Explicatio Apocalypsis*, são necessárias algumas palavras sobre o autor e sua contribuição para a difusão do luteranismo.

Nascido em 1530 em Ingelfingen, Chytraeus matriculou-se com seu nome alemão, Kochhaf, na Universidade de Tübingen em 22 de junho de 1539, onde ficou sob a influência de Joachim Camerarius e Erhard Schnepf, e da teologia de Johannes Brenz, sem nunca ter sido seu aluno. Depois de obter seu mestrado em 1544, aos quatorze anos, mudou-se para a Universidade de Wittenberg, centro do movimento da Reforma na Alemanha. Embora profundamente impressionado por Lutero, Chytraeus foi particularmente influenciado por Melanchthon, em cuja casa se hospedou. A morte de Lutero e a divisão do campo luterano em filipistas e gnesio-luteranos marcaram a segunda metade da carreira de Chytraeus. Talvez devido à sua ligação tanto com Lutero como com Melanchthon, ele desempenharia o papel de intermediário entre os dois campos. Em 1551, a Universidade de Rostock conseguiu obter os seus serviços, juntamente com os de Johannes Aurifaber. Em 1563, uma *Fórmula Concordiae* entre o duque da Saxônia e a cidade de Rostock garantiu o financiamento da universidade, que havia caído na miséria. Chytraeus e Aurifaber conseguiram reunir em torno deles um grupo de discípulos de Melanchthon que já havia desenvolvido em 1536 um programa de reformas para a universidade. Em 1564, Chytraeus elaborou novos estatutos para a faculdade de teologia, tornando a Confissão de Augsburgo e o *Examen ordinandorum*

¹⁸⁵ Karl-Heinz Glaser, Hanno Lietz, and Stefan Rhein, eds., *David und Nathan Chytraeus: Humanismus im Konfessionellen Zeitalter*. Ubstadt-Weiher: Verlag Regionalkultur, 1993.

de Melanchthon leitura obrigatória para estudantes e professores de teologia. Além disso, as *comunas Loci* de Melanchthon foram consideradas por Chytraeus como o melhor resumo da doutrina luterana. Assim como seu professor, Chytraeus deu grande ênfase à importância do hebraico, do grego e do latim, bem como da dialética e da retórica, para o estudo da teologia. Durante seu tempo em Rostock, ele lecionou vários livros da Bíblia, começando com Gênesis e Mateus em 1553. Seu método foi fortemente influenciado por Melanchthon: um comentário relacionando o texto aos principais pontos da doutrina foi seguido por pontos de gramática e retórica, com uma refutação das heresias no final. O padrão se repetiu para cada capítulo do livro bíblico comentado. É importante ter em mente que Chytraeus é conhecido principalmente como historiador e não como comentarista bíblico¹⁸⁶.

A *Explicatio* de Chytraeus apareceu pela primeira vez em 1563 e foi dedicada a Érico XIV da Suécia. Esse comentário, como ele diz no prefácio, foi fruto de palestras que ele deu sobre o Apocalipse na Academia de Rostock. Ele pretendia que isso não fosse simplesmente uma expressão de respeito geral, mas uma forma de felicitar o rei sueco pela paz do seu reino e pelo excelente estado das "igrejas de Cristo" que cresciam na Suécia¹⁸⁷.

Ele vê o texto de Ap. 12 como uma exposição tanto da história do pecado original (seguindo Primasius) quanto da luta espiritual que a igreja enfrenta todos os dias por causa do pecado original¹⁸⁸. Ele começa lembrando ao leitor, seguindo Primasius, que a serpente que seduziu Eva era o diabo e que Gênesis 3.15 contém uma profecia de inimizade duradoura entre a ninhada da mulher e a da serpente, com a ninhada da mulher esmagando a cabeça da serpente. A orientação da exegese de Chytraeus é fortemente cristocêntrica, o que significa que, embora anuncie a mulher como representante da Igreja, é finalmente obrigado a vê-la também como símbolo da Virgem Maria. A sua interpretação inicial lembra novamente a de Bullinger: A igreja está grávida de Cristo no sentido de querer que ele nasça¹⁸⁹.

3.8 Nikolaus Selnecker

¹⁸⁶ BACKUS, p. 114.

¹⁸⁷ BACKUS, p. 115.

¹⁸⁸ BACKUS, p. 126.

¹⁸⁹ *Explicatio*, 1564, 234-235: "[P]arturit et cruciatur vt pariat, hoc est ardenti desiderio inde vsque ab edita prima promissione expetit et optauit, semen mulieris conterens caput serpentis ex virgine nasci."

Um co-redactor da *Fórmula da Concórdia*, Nikolaus Selnecker, cuja vida e obra também têm recebido recentemente pouca atenção dos acadêmicos¹⁹⁰, nasceu em 1530 em Hersbruck, perto de Nuremberga. Quando criança, demonstrou um dom excepcional para o órgão. Estudou em Wittenberg (1549-58), onde foi membro do círculo íntimo de Melancthon. Como pregador da corte em Dresden (1558-65), atacou as práticas de caça da nobreza, o que pode ter contribuído para a sua demissão. Ele então ensinou em Jena (1565-68) até ser deposto pelo duque Gnesio-Luterano Johann Wilhelm e depois em Leipzig (1568-86), onde também serviu como pároco de São Tomás e como superintendente.

Comentário de Selnecker sobre o Apocalipse

Como a maioria dos comentários do século XVI sobre o Apocalipse, o de Selnecker é praticamente desconhecido. Escrito em alemão para uso de leitores não profissionais, foi publicado em 1567, juntamente com seu comentário sobre Daniel, sob o título *Der Prophet Daniel und die Offenbarung Johannis*. Nada, nem no título nem na biografia de Selnecker, levaria o leitor a suspeitar que suas palestras sobre o Apocalipse representam alguns dos exemplos mais negativos de excessos do gênero histórico-profético de exegese. A obra como um todo é dedicada a Joseph Benno Teller, patrono de Selnecker. No prefácio, o autor explica que gostaria de homenagear Teller, produzindo um comentário sobre Daniel na íntegra, mas, por falta de tempo e problemas de saúde, conseguiu apenas três capítulos. Ele decidiu, portanto, publicar o que fez até que Deus lhe conceda a oportunidade de fazer mais¹⁹¹. Para compensar o trabalho insatisfatório sobre Daniel, Selnecker decidiu imprimir o Apocalipse no mesmo volume "porque os dois estão relacionados e juntos, pois eles apontam e combatem as abominações papistas"¹⁹². O Apocalipse contém, de acordo com Selnecker, três mensagens importantes para ele e seus contemporâneos: Primeiro, diz-lhes para não se desesperarem ao verem a impiedade e a maldade do papa e de todos os governantes

¹⁹⁰ Ebel Jobst, "Die Herkunft des Konzeptes der Konkordienformel," *Zeitschrift für Kirchengeschichte* 91 (1980): 237-282, e Franz Dibelius, "Selnecker," *Realencyklopadie für protestantische Theologie und Kirche*, vol. 18, ed. Albert Hauck. Leipzig: C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1906, 184—191. Cf. Robert Kolb, "Selnecker," *Oxford Encyclopedia of the Reformation*, vol. 4, ed. Hans Hillerbrand. New York: Oxford University Press, 1996, 43.

¹⁹¹ Nikolaus Selnecker, *Der Prophet Daniel und die Offenbarung Johannis*. Leipzig: Jacob Berwaldt, 1567, Air-v.: "Weil es mir aber an zeit und auch gesundheit gemangelt, das ich mit mühe kaum die ersten drey Capitel habe verfertigen können ... so sende ich wo viel ich verfertigen hab können...".

¹⁹² Daniel und Offenbarung, 1567, A2v.: "[W]eill sie auffeinander sehen und die bepstischen gewel miteinander gewaltiglich anzeigen und straffen."

poderosos; segundo, diz-lhes para se alegrarem se tiverem a oportunidade de sofrer e derramar o seu sangue pela verdade; terceiro (e mais importante), diz-lhes que o Juízo Final está próximo. Entre as fontes que utilizou, menciona um comentário aparentemente inédito de Michael Stifel e outras obras contemporâneas sobre o Apocalipse. No entanto, sublinha, apenas tirou deles coisas que tornariam o texto mais fácil de compreender para o homem comum ("für den gemeinen Man").

O comentário é, portanto, tudo menos sofisticado. Selnecker dispensa a maior parte da maquinaria exegética sofisticada, incluindo a divisão em sete seções ou visões. Aqui, analisaremos simplesmente sua exegese de Ap. 12. Como se esquecesse que o próprio Lutero tinha dúvidas sobre as origens apostólicas do livro, Selnecker faz com que ele represente o luteranismo de sua época, ou seja, pouco antes do Juízo Final, cuja data ele nunca especifica, em contraste com Chytraeus. Assim, a mulher de Ap. 12 é a verdadeira igreja cristã dos últimos dias. As doze estrelas em sua coroa representam não apenas os apóstolos, mas todos os mestres que, influenciados pelos apóstolos, honram a igreja dos últimos dias. A lua sob os pés da mulher assume uma conotação negativa: A lua, sendo a luz da noite, deve se opor à verdadeira luz (o sol, ou Cristo) e, portanto, representa a filosofia, a razão humana e a falsa doutrina, que a mulher não permite que a seduzam. Visto que Selnecker considera o Apocalipse o livro escrito expressamente para o seu tempo, não há dúvida de que a mulher esteja grávida de todos os verdadeiros fiéis de todos os períodos da história ou mesmo de Cristo. O filho do sexo masculino denota um professor poderoso da igreja dos últimos dias, na verdade não menos que Lutero.

4. Comparações das interpretações reformadas com as interpretações antigas e modernas.

Como veremos abaixo, a exegese reformada seguiu a interpretação majoritária de ver a Mulher de Ap. 12 como sendo uma “imagem” da igreja.

4.1 Interpretações antigas da Mulher em Apocalipse 12.

a) A Mulher como sendo a Igreja.

Segundo Hipólito¹⁹³, a criança é Cristo, e a mulher que dá à luz significa ‘que a Igreja, sempre trazendo Cristo, o homem perfeito, Filho de Deus... torna-se instrutora de todas as nações’ (Anticristo 61, ANF v.217¹⁹⁴). Isto implica que a encarnação de Cristo, embora seja um momento único na história, é um evento com implicações contínuas, através do qual a igreja se torna o mestre universal. A interpretação eclesiológica também se encontra em Ticônio¹⁹⁵, que sugere que a Mulher Vestida de Sol é o corpo místico de Cristo, em contraste com a companhia dos ímpios no corpo místico de Satanás, da Besta e da Babilônia¹⁹⁶. A batalha em Apocalipse 12, acredita Ticônio, refere-se em geral à luta contínua de Cristo com o diabo e, em particular, à luta que está acontecendo na igreja em seu próprio tempo. A mulher é uma imagem da sua própria Igreja Donatista, grávida do evangelho, mas perseguida pelo diabo, agindo através da falsa Igreja (Católica)¹⁹⁷. Metódio¹⁹⁸ interpreta Apocalipse 12 tanto como um guia para a virgem cristã que imitaria Cristo, a ‘Arquivirgem’, quanto como um símbolo da Igreja materna, que está em trabalho de parto até que Cristo nasça em cada um (Banquete 1.5). Para Vitorino¹⁹⁹, a mulher é a antiga igreja dos ancestrais, dos profetas, dos santos e dos apóstolos, gemendo de saudade de Cristo. O sol aponta para a esperança da ressurreição, enquanto a lua sob seus pés sugere os corpos dos santos do Antigo e do Novo Testamento²⁰⁰. Sua coroa de 12 estrelas é o coro dos ancestrais da antiga aliança (aparentemente uma alusão ao coro de 24 anciãos em Apocalipse 4:4, 10–11, dos quais 12 são figuras do Antigo Testamento). A tentativa do diabo de devorar a criança representa a tentação e a paixão de Cristo (1916: 108.1-8).

Joaquim de Fiore, Lambert e Meyer adotaram essa interpretação, embora Lambert, seguindo Rupert de Deutz, tenha admitido a interpretação mariana como uma

¹⁹³ Hipólito (falecido em 235). Um líder e mais tarde bispo cismático da Igreja em Roma, que coletou material escatológico das Escrituras em *Sobre o Anticristo*, e cujo comentário sobre Daniel é o mais antigo de um texto apocalíptico. Em ambas as obras há pouca tentativa de relacionar as Escrituras com eventos contemporâneos.

¹⁹⁴ ANF é uma referência a: *The Ante-Nicene Fathers*, 1994: ed. A. Roberts and J. Donaldson, 10 vols. Peabody, Mass.: Hendrickson.

¹⁹⁵ Cf. Tyconius. *The Turin Fragments of Tyconius’ Commentary on Revelation*, ed. F. LoBue. Cambridge: Cambridge University Press. 1963.

¹⁹⁶ Bauckham, R. *Tudor Apocalypse: sixteenth-century apocalypticism, millenarianism and the English Reformation*. Sutton Courtenay: Appleford, 1978, p. 57.

¹⁹⁷ Balás, D. e Bingham, D. J. *Patristic Exegesis of the Books of the Bible. The International Catholic Bible Commentary*, ed. William R. Farmer. Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 1998, p. 114.

¹⁹⁸ Metódio de Olimpo (falecido em 311). Foi um intérprete que usou o Apocalipse para promover a vida ascética.

¹⁹⁹ Vitorino (falecido em 304). Bispo na Eslovênia e autor do primeiro comentário sobrevivente sobre o Apocalipse.

²⁰⁰ Victorinus. In *Apocalypsin*, in *Victorini episcopi Petavionensis opera*, ed. J. Haussleiter. CSEL 49: Vienna: F. Tempsky. 1916, pp. 106, 1–4; 106, 6–10; ANF vii. 355).

possibilidade. Aliás, o único comentarista ocidental influente a adotar parcialmente a interpretação mariana dessa passagem foi Rupert de Deutz²⁰¹.

b) A Mulher como sendo Maria

A associação da mulher de Ap. 12 com Maria tem uma longa história. A referência explícita mais antiga está na obra de Oecumenius no século VI²⁰², embora haja sugestões anteriores no comentário de André de Cesaréia (Comentário de Apocalipse, 33) e Epifânio ("Contra todas as heresias". 78.11.3–4; também Primasius²⁰³). A Mulher Vestida de Sol é um texto-chave no desenvolvimento da doutrina e da iconografia sobre Maria²⁰⁴ e imagens de Apocalipse 12 (incluindo a lua sob os pés da mulher e estrelas em sua coroa) aparece frequentemente em representações artísticas de Maria²⁰⁵.

4.2 Interpretações modernas da mulher em Apocalipse 12

As interpretações modernas podem ser resumidas em 4 principais: 1. A mulher representa a igreja com as 12 estrelas representando os 12 apóstolos; 2. A mulher representa Maria com as 12 estrelas representando os 12 apóstolos; 3. A mulher representa Israel e as 12 estrelas representam as 12 tribos de Israel; 4. A mulher representa os redimidos e as 12 estrelas representam os apóstolos e as tribos de Israel.

Em primeiro lugar, temos a interpretação da Mulher como sendo a Igreja. Porque a mulher aparece como um sinal celestial, Ladd entende a mulher como a "igreja ideal

²⁰¹ cf. Ruperti abbatis Tuitiensis In Apocalypsim Johannis Apostoli Commentariorum libriXII. Cologne: Johannes Soter, 1533, p. 109: "Sicut econtra mulier ilia sole amicta, signum erat ecclesiae totius, cuius beata virgo Maria portio maxima."). Cf. Joachim of Fiore, Expositio in Ape, 1527, I54r.: "Mulier ista generaliter matrem designat ecclesiam . . . specialiter vero ecclesiam heremitarum et virginum." Lambert, In Ape, I99r.: "Mulier non Maria sed ecclesia. Mariae siquidem haec non competunt etiam si Christus sit filius eius. Verum Maria est huius mulieris, id est ecclesiae, portio nobilissima." Meyer, In Ape, 45r., 481.: "Mulier ilia ecclesia credentium quae per fidem Christo desponsata ac multa prole foecunda est. . . . Ecclesia apostolica et initialis mulieri recte comparatur, quae licet ex sui natura fragilis, modica et sterilis, tamen per sponsum suum Christum multa prole foecunda et magna redditur."

²⁰² Le Frois, B. J. The Woman Clothed with the Sun. Rome: Orbs Catholicus. 1954, p. 45.

²⁰³ EMMERSON, R. K. and MCGINN, B. (eds). The Apocalypse in the Middle Ages. Ithaca, NY: Cornell University Press. 1992, p. 44.

²⁰⁴ Cf. PRIGENT, P. Apocalypse 12: histoire de l'exégèse. Beiträge zur Geschichte der biblischen Exegese 2. Tübingen: J. C. B. Mohr. 1959. Cf. GABARA, Y. and BINGEMEYER, M. C.: Mary Mother of God, Mother of the Poor. Tunbridge Wells: Burns and Oates. 1989.

²⁰⁵ KOVACS, Judith, and ROWLAND, Christopher, in collaboration with Rebekah Callow. Revelation: The Apocalypse of Jesus Christ. Malden, MA: Blackwell, 2004, p. 137.

no céu”²⁰⁶. Isto, no entanto, não faz sentido para o filho varão da mulher, que certamente pertence à terra, como o próprio Ladd admite.

Em segundo lugar, temos a Mulher como sendo Maria. Alguns comentaristas (principalmente católicos romanos) argumentam que a mulher de Apocalipse 12.1 é Maria, a mãe de Jesus²⁰⁷. Alguns exegetas católicos esforçam-se por fazer justiça ao contexto do AT de Sião como a mãe dos fiéis, sugerindo que nesta passagem a mulher tem um aspecto duplo. Ela é o povo messiânico de ambas as alianças, mas representada por Maria, em cuja pessoa se faz a tradição desde a sinagoga até a igreja cristã²⁰⁸.

Em terceiro lugar, alguns identificam a mulher exclusivamente com o povo judeu, a nação de Israel. Esta visão parece ser apoiada pela referência à mulher que dá à luz o messias ou “filho varão” (v. 5) “a mulher neste drama é claramente demonstrada como sendo Israel (o portador da semente do Messias) através de quem o Messias, Jesus, (a criança) entrou no mundo”²⁰⁹. Segundo Morris, o símbolo representa Israel, o povo escolhido de Deus; e que as doze estrelas serão os doze patriarcas ou as tribos que descendem deles²¹⁰. Portanto, parece provável que a mulher aqui represente Israel, o povo de Deus²¹¹. Ted Montgomery sugere fortemente que essa “mulher” não é um símbolo do Cristianismo ou da Igreja, uma visão que é abraçada por alguns cristãos, uma vez que a Igreja não “substituiu” Israel; em vez disso, foi enxertado em Israel²¹². O teólogo católico romano Padre Hubert J. Richards concorda que a mulher de Apocalipse 12 se refere a Israel. No que diz respeito à mulher de Apocalipse 12, o Padre Richards argumenta que a interpretação de que a mulher é Maria só poderia ser válida se “o versículo fosse isolado, uma vez que o que se segue tem muito pouca relevância para “Nossa Senhora”. Nem é uma honra para Maria aplicar-lhe todo e qualquer texto sem pensar...”²¹³.

²⁰⁶ LADD, G. E. A Commentary on the Revelation of John. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1972, p. 167.

²⁰⁷ Cf. um autor adventista, STEFANOVIC, Ranko. Revelation Of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation. Berrien Springs, EUA: Andrews University Press, 2002, p. 386.

²⁰⁸ Cf. BEASLEY-MURRAY, G. R. Revelation. NCBC. Grand Rapids, MI: Eerdmans; London: Marshall, Morgan & Scott, 1974, p. 198.

²⁰⁹ JOHNSON, Alan F., Revelation: Bible Study Commentary, p. 119.

²¹⁰ MORRIS, Leon. Revelation. Rev. ed. TNTC. Leicester: InterVarsity; Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987, p. 153.

²¹¹ OSBORNE, Grant R., Revelation. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2002, p. 456. Ainda que Osborne reconheça que em Ap. 12.7 a mulher é a Igreja (sendo portanto, as duas coisas, Israel e a Igreja).

²¹² Ted Montgomery, “Who Is the Woman” Described in Revelation 12:1-6?,” <http://www.tedmontgomery.com/bblovrwv/emails/thewoman.htm>.

²¹³ RICHARDS, Hubert J., What the Spirit Says to the Churches: A Key to the Apocalypse of John. New York: P. J. Kenedy and Sons, 1967, pp. 93-94.

Em último lugar, que na prática é idêntico ao primeiro, temos a Mulher como simbolizando os remidos. Uma vez que o contexto indica que a mulher sob ataque, ela representa uma entidade contínua desde o nascimento de Cristo até pelo menos os dias de João ou mais tarde, a sua identidade na mente do autor deve ser a comunidade de fé messiânica da nova aliança. Beale sugere que é muito limitante ver a mulher como representando apenas um remanescente de israelitas vivendo em provação no último estágio da história; em vez disso, a mulher em 12.1-2 representa toda a comunidade de fé nas eras do Antigo e do Novo Testamento²¹⁴.

Considerações finais

Embora Apocalipse seja um livro que suscite muitos debates e muitas interpretações diferentes, vimos que a Mulher em Apocalipse 12 é entendida majoritariamente na história da Igreja como um símbolo da própria igreja cristã (ainda que com nuances diferentes sobre a natureza ou época da igreja).

Como todas (ou pelo menos a grande maioria) das vertentes cristãs tem seus adeptos a algum tipo de exegese alegórica, assim também houve entre os reformadores, ao ponto de identificar a Mulher como sendo a Palavra de Deus, mas isso é algo minoritário.

A interpretação mariana também surge como uma possibilidade em alguns reformadores, sem negar o referente mais geral da imagem. Assim, mais como juízo teológico do que precisão referencial biográfica, Maria seria a representante individual, dentro da igreja, pelo qual literalmente nasceria o Messias prometido no Salmo 2 (citado em Ap. 12). Assim, a interpretação eclesiástica e mariana não necessariamente se contradizem, mas podem se complementar, tendo o quadro referencial maior como sendo a Igreja de forma geral.

Assim, concluímos nossa pesquisa mostrando a continuidade histórica e hermenêutica da reforma protestante, tanto com as interpretações anteriores como com as posteriores. Essa continuidade histórico-teológico de 2 mil anos de reflexão cristã se dá tanto positivamente (um respeito pelo Texto Sagrado como Palavra de Deus ao ser interpretado dentro dos limites da ortodoxia), como negativamente (alguns excessos da

²¹⁴ BEALE, G. K. The book of Revelation: a commentary on the Greek text, New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids, MI; Carlisle, Cumbria: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1999, p. 631.

Quem é essa mulher? Um estudo comparativo das interpretações reformadas de Apocalipse 12 no século 16 com as interpretações antigas e modernas

alegoria, por exemplo). No sentido mais positivo, tanto a interpretação eclesiástica como a mariana estão dentro dos limites da ortodoxia – a Mulher de Apocalipse 12, por exemplo, nunca é interpretada como sendo a mulher prostituta dos capítulos 17 e 18 (afinal, bom senso e boa teologia sempre andam juntos).

REFERÊNCIAS

BARRET, Matthew. *The Reformation as Renewal: Retrieving the One, Holy, Catholic, and Apostolic Church*. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2023.

BACKUS, Irena. *Reformation Readings of the Apocalypse: Geneva, Zurich, and Wittenberg*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

REEVES, Marjorie. *The Influence of Prophecy in the Later Middle Ages: A Study in Joachimism*. Oxford: Oxford University Press, 1969.

MCGINN, *Apocalypticism in the Western Tradition*; KAMINSKY, Howard, *A History of the Hussite Revolution*. Berkeley: University of California Press, 1967.

ERASMUS, Desiderius. *Erasmus's Annotations on the New Testament. Galatians to the Apocalypse. Facsimile of the final Latin Text with all earlier Variants*, ed. Anne Reeve, introduction by M. A. Screech. Leiden: E. J. Brill, 1993.

TITELMANS, Frans. *Libri duo de autoritate libri Apocalypsis. In quibus ex antiquissimorum authorum assertionibus scripturae huius dignitas et autoritas comprobatur aduersus eos qui nostra hac tempestate sine falsis assertionibus siue non bonis dubitationibus, canonicae et diuinae huius scripturae autoritati derogarunt. Perfratrem Franciscum Titelmanum Hasselensem, ordinis fratrum Minorum Sacrarum Scripturarum apud Louanienses praelectorem*. Antwerp: Michael Hillenius, 1530.

RUMMEL, Erika, *Erasmus and His Catholic Critics*, vol. 2, 1523-1536. Nieuwkoop: de Graaf, 1989.

HOFMANN, Hans-Ulrich, *Luther und die Johannes-Apokalypse*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1982.

KOESTER, Craig. Revelation: A New Translation with Introduction and Commentary. The Anchor Yale Bible, vol 38, part 1, New Haven, CT: Yale University Press, 2014.

HAAG, E. and HAAG, E. La France Protestante, 1st ed. Paris: J. Cherbuliez, 1857.

JAMMES, Andre, "Un bibliophile a decouvrir, Jean de Gagny," Bulletin du bibliophile (1996): 35-81. Karl-Heinz Glaser, Hanno Lietz, and Stefan Rhein, eds., David und Nathan Chytraeus: Humanismus im Konfessionellen Zeitalter. Ubstadt-Weiher: Verlag Regionalkultur, 1993.

The Ante-Nicene Fathers, 1994: ed. A. Roberts and J. Donaldson, 10 vols. Peabody, Mass.: Hendrickson. Tyconius. The Turin Fragments of Tyconius' Commentary on Revelation, ed. F. LoBue. Cambridge: Cambridge University Press. 1963. Bauckham, R. Tudor Apocalypse: sixteenth-century apocalypticism, millenarianism and the English Reformation. Sutton Courtenay: Appleford, 1978.

BALÁS, D. e BINGHAM, D. J. Patristic Exegesis of the Books of the Bible. The International Catholic Bible Commentary, ed. William R. Farmer. Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 1998.

LE FROIS, B. J. The Woman Clothed with the Sun. Rome: Orbs Catholicus. 1954.

EMMERSON, R. K. and MCGINN, B. (eds). The Apocalypse in the Middle Ages. Ithaca, NY: Cornell University Press. 1992, p. 44. Cf. PRIGENT, P. Apocalypse 12: histoire de l'exégèse. Beiträge zur Geschichte der biblischen Exegese 2. Tübingen: J. C. B. Mohr. 1959.

GABARA, Y. and BINGEMEYER, M. C.: Mary Mother of God, Mother of the Poor. Tunbridge Wells: Burns and Oates. 1989.

KOVACS, Judith, and ROWLAND, Christopher, in collaboration with Rebekah Callow. Revelation: The Apocalypse of Jesus Christ. Malden, MA: Blackwell, 2004, p. 137.

Quem é essa mulher? Um estudo comparativo das interpretações reformadas de Apocalipse 12 no século 16 com as interpretações antigas e modernas

LADD, G. E. A Commentary on the Revelation of John. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1972.

STEFANOVIC, Ranko. Revelation Of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation. Berrien Springs, EUA: Andrews University Press, 2002.

BEASLEY-MURRAY, G. R. Revelation. NCBC. Grand Rapids, MI: Eerdmans; London: Marshall, Morgan & Scott, 1974.

JOHNSON, Alan F., Revelation: Bible Study Commentary, 1983.

MORRIS, Leon. Revelation. Rev. ed. TNTC. Leicester: InterVarsity; Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987.

OSBORNE, Grant R., Revelation. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2002.

RICHARDS, Hubert J., What the Spirit Says to the Churches: A Key to the Apocalypse of John. New York: P. J. Kenedy and Sons, 1967.

BEALE, G. K. The book of Revelation: a commentary on the Greek text, New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids, MI; Carlisle, Cumbria: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1999.